

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

MATHEUS SANTANA DA CRUZ

**A AULA DE FILOSOFIA COMO ENGAJAMENTO EXISTENCIAL: UMA
PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIALISTA**

Trabalho apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina TCC 2 da Graduação de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimarães.

RECIFE

2022

A AULA DE FILOSOFIA COMO ENGAJAMENTO EXISTENCIAL: UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIALISTA

Discente: Matheus Santana da Cruz

Orientador: Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimarães

Resumo: Este artigo visa observar e refletir, sob perspectiva fenomenológico-existencialista, o ensino de filosofia, bem como a sala de aula filosófica como possibilidade de amplitude do que viria ser considerado como fazer filosófico dentro dela e o que pode ser enxergado como iniciação a filosofia, considerando os agentes nele estabelecidos para a concretização de uma perspectiva onde estejam considerados todos os sujeitos nela presentes.

Palavras-chave: Existencialismo, Tempo, Angústia, Sartre, Descrição, Fenomenologia, Aula, Engajamento, Ensino, Mundo

Abstract: This article aims to observe and reflect from a phenomenological-existentialist perspective, the teaching of philosophy as well as the philosophical class, as a possibility of scope of what would be considered a philosophical doing within it and what can be seen as an initiation to philosophy, considering the agents established in it for the realization of a perspective where all the subjects present in it are considered.

Keywords: Existentialism, Time, Anguish, Sartre, Description, Phenomenology, Classroom, Engagement, Teaching, World.

Considerações iniciais

Para o existencialismo, a existência precede a essência, isso pode significar que a vida é dotada de múltiplas possibilidades mediante as escolhas realizadas, muitas delas inventadas, forjadas à partir da narrativa feita do tempo que se fez e que se faz desde o nascimento, esta pode ser a descrição do passado, presente e futuro. A intenção do existencialismo enquanto corrente filosófica situada no tempo sobre seres temporais, são os destrinchamentos do que se compreende por existência, singularidade deste Ser que existe, mas primordialmente, a questão acerca do que é este sujeito que existe no mundo, e o seu fazer dele, o cenário e o objeto dos sentidos de sua compreensão. Isto que se forja nada mais é que o ímpeto que dá nome e significado às jornadas, que nos leva à escolhas e sacrifícios, por se tornar autêntico no mundo e tomar a condução das decisões à partir dos fatos da vida. É nesse contexto que pensar a filosofia enquanto ensino, enquanto uma aula, se destrincha em inúmeras possibilidades à medida que os professores de filosofia

procuram uma substância para nutrir suas aulas de significado e propósito na educação. Enquanto há uma carga horária e um currículo extenso para executar, há também a tentativa maior de fazer os alunos compreenderem que todo o conhecimento lecionado é sobre eles, sobre suas existências, e aproximá-los da tarefa sobre seus protagonismos nela, pensando além das estruturas que podem confiná-los à percepções que possam já não satisfazê-los e que reprimem suas potências, seus desejos, e suas manifestações existenciais.

Neste contexto, pensando a própria formação da licenciatura em filosofia enquanto uma dimensão preparatória para a sala de aula, mas antes disso para o mundo que se mostra à frente como a possibilidade de acerto de contas consigo mesmo, antes de pensar e fazer a aula de filosofia, com a própria possibilidade de vir a ser quem se é, percebendo as possibilidades existenciais que se mostram para que o que há ainda oculto possa desvelar-se como uma escolha pela possibilidade de reverberar a filosofia em espaços educacionais, a preocupação por orientar-se, torna-se preponderante para o exercício da noção de si mesmo e por vias coletivas, e na construção da coletividade em sala de aula, dizer o que construiu como conhecimento, sendo esta a tarefa primordial da aula de filosofia, por vias dialéticas, demonstrar o conhecimento que se produziu e se produz, a partir da subjetividade introspectiva dos sujeitos. Torna-se necessário enquanto professor dizer, e pensar na responsabilidade do que se diz, porque a filosofia é sobre a vida cotidiana em seus termos possivelmente mais extremos, na manifestação da vida mundana ao oculto nela para ser revelado, pensado, problematizado, reconhecido.

O objetivo principal deste artigo é investigar partindo dos principais conceitos da corrente filosófica denominada “existencialismo”, as possibilidades de compreensão da existência e, neste sentido, propor reflexões sobre “a aula de filosofia como engajamento existencial” a partir de uma perspectiva fenomenológica-existencialista segundo J-P Sartre. Deste modo, na primeira seção, pretende-se , elucidar as principais noções existencialistas sob perspectiva de Jean Paul Sartre, bem como seus pontos de discussão, a fim de realizar uma descrição do existencialismo no momento da história em que os sujeitos começam a confrontar suas angústias e suas reflexões no mundano e como isso pode ser via de acesso a compreensão filosófica dentro do espaço da sala de aula, trilhando no que está

configurado enquanto texto filosófico e não filosófico e no que pode ser visto por referência e assim, realizar estratégias de reconhecimento dela na vida cotidiana dos agentes da sala de aula, e na construção da coletividade. Já na segunda seção, perceber os cenários possíveis da aula de filosofia no cenário da sala de aula, bem como através de mecanismos de reconhecimento mundano, incorporá-la ao fazer cotidiano, repensando a linguagem da filosofia para dentro e fora da escola, como fomentadora de ações e práticas direcionadas para o viver mais próprio, mais autêntico, e assim elucidar questões antes ocultas. De tal maneira, pensar e elucidar qual o papel da filosofia na nova escola, na vida escolar dos alunos e a existência enquanto professor dentro e fora da sala de aula. Além disso, segue a intenção de pensar a aula de filosofia e todos os meios utilizados para a repercussão do conteúdo. Refletir acerca da condução da disciplina e as possibilidades de executar a filosofia na interdisciplinaridade e no uso de textos filosóficos e não-filosóficos, questionando o sentido de textos não filosóficos e provocar a discussão acerca do objeto de ensino da filosofia nas escolas.

1. Primeira seção: o conceito existencialista: uma breve descrição da corrente

As intenções implícitas e explícitas, ocultas e desveladas do trabalho fenomenológico-existencial tem o ponto de partida na compreensão de um fato da vida mundana, para então elaborar uma descrição que compreenda as possibilidades de seu meio e finalidade. O que pode significar que a tarefa, para quem compreende a sala de aula como um lugar específico de manifestação da filosofia, é refletir sobre a existência e os existentes que participam da aula e não obstante da escola, na tentativa de reconhecer seus sentidos e significados para além da premissa da individualidade, onde o pensamento possível elucidar-se para que se torne conhecimento reverberado no mundo. Não obstante, quando se adentra nas ideias da filosofia existencialista Sartreana, filósofo a quem vamos cercar-nos para falar da existência, considera-se sempre o Ser como ponto de partida, ou melhor, o Ser para si, a quem cabe sempre o direito intransponível da escolha. Refletir sobre uma filosofia para além de seu caráter sistemático e, em se tratando do ensino de filosofia, é necessário não somente pensar a partir da linearidade da tradição do pensamento filosófico, mas na cotidianidade, nos

absurdos da vida fática, e da mundanidade, reconhecer o repertório e referências dos existentes para compreensão das suas manifestações, uma vez que seus corpos e suas vidas bem como suas culturas, dizem respeito à historicidade de seu tempo, pois o Ser é dotado de cultura e linguagem. Contudo, sob óticas que se multiplicam em torno de questões primordiais da filosofia e sua via, amplia-se a complexidade dos sistemas filosóficos no que se pode compreender por vida, tudo então seria um processo de compreensão do que os sujeitos fazem de si mesmo e do que fazem enquanto coletividade.

Alguns conceitos às quais a contemporaneidade filosófica se debruçou, decorre de perspectivas de vida no pós-primeira guerra e na pós-revolução industrial, o existencialismo por sua vez trouxe à tona questões as quais o homem moderno outrora compreendia sob o parâmetro das representações, do que é esse Ser, o sujeito, que pensa e objetifica o mundo a fim de interpretá-lo nas possibilidades de significado, ou, metaforicamente, para compreender o que é objeto do quê. Não obstante, esse mundo a qual existe dado em circunstâncias inerentemente misteriosas à mente humana, vem a traçar categorias de pensamento para que assim se entenda o que somos e o que fazemos aqui, bem como qual o sentido do mundo, entrelaçando-se nos afetos para entender o sentido da existência, o que seria, a princípio, este termo, e a quem designa-se como existente, para além das categorias da razão, o que é este ser que pensa, num mundo com informações manifestas, primordiais que regem as compreensões materiais acerca do sistema da vida como compreendemos a realidade e como a objetificamos.

Não meramente por mudança de paradigma mas como fenômeno humano, a compreensão do homem enquanto existente se deu num contexto de transformações sociais e históricas por consequências que extrapolavam as noções outrora compreendidas como uso exclusivo da filosofia e passa a ter apelo afetivo dentre, o que podemos chamar aqui de, massificação de um sentimento de frustração e angústia que vem a ser motor para indagações que à princípio desenrolavam-se no campo da burguesia, como em jornalistas e intelectuais da época que tentavam compreender o espírito de seu tempo, e por isso, cativava também rejeição entre marxistas e religiosos, como ponderou Sartre ao descrever a

manifestação do existencialismo como fenômeno nas sociedades europeias, em sua conferência O Existencialismo é um Humanismo:

O existencialismo, na realidade, é a doutrina menos escandalosa e a mais austera; ela destina-se exclusivamente aos técnicos e aos filósofos. Todavia pode ser facilmente definida. O que torna as coisas complicadas é a existência de dois tipos de existencialistas: por um lado, os cristãos – entre os quais colocarei Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica – e por outro, os ateus – entre os quais há que situar Heidegger, assim como os existencialistas franceses e eu mesmo. O que eles têm em comum é simplesmente o fato de todos considerarem que a existência precede a essência, ou, se preferir, que é necessário partir da subjetividade (SARTRE, 1970, p.2)

O ser humano é um existente, dotado do privilégio da existência antes de compreender o que pode se chamar de essência, é sobre isto que debruça-se o existencialismo Sartreano, que ao trazer ao cerne às angústias humanas percebia que a razão não poderia dar conta do que primordialmente manifestava-se como experiência, até então, racionalizada do que se percebia do mundo condicionante e primitivo. A razão, portanto significaria um problema para os modernos, depois da objetificação da condição privilegiada do existente e por isso, tal justificativa já não correspondia às questões as quais a angústia fazia nascer. Sobre isto, diremos que fica na responsabilidade central da corrente existencialista a tentativa de refletir sobre as possibilidades da escolha enquanto habilidade existencial e existente de formular seu mundo, a diferenciação entre a existência e a essência dos seres humanos enquanto movimento. Mas em se tratando da explicação dada para o mundo manifesto, onde os sujeitos, lançados no mundo e dotados da capacidade de criar significados para suas ações, encontra na Fenomenologia, não somente uma possibilidade e uma distinção do existencialismo - digamos que, "científico-filosófica", de descrição do mundo - mas de enxergar o método de verificação para aquilo da existência que é indubitável ao condicionante do existir.

Se por um lado o existencialismo teoriza sobre as condições afetivas da existência humana enquanto ponto de partida para uma reformulação do que se compreende por escolhas e liberdade, a fenomenologia estipula, à partir destas noções, a tentativa de reconstrução da trajetória da linguagem a fim de retomar aos primeiros sentidos do que se entende as noções desta realidade, de sentido,

percepção e significado, aos quais inferem ao existente, ou melhor, quem demonstra a partir deste lugar existencial e de como isso os faz produzir mundo, mundanidades e cotidianidades, logo, cultura, e noção apaziguadora de mundo.

O mundo então, e a consciência formuladora desta, tratam dos sujeitos dotados da possibilidade de existir e de compreender mundo, mas diferente dos pontos de partida das noções fenomenológicas, estamos falando do mundo oriundo da percepção, termo este que pavimenta o lugar a qual pretendemos estabelecer a noção de que através dela, podemos experienciar, para em seguida fornecer dados de significado, numa tarefa de *retorno às coisas mesmas*, segundo o que passamos historicamente a entender como consciência e produção de linguagem, aplicando conceitos para além da vastidão do mundo desprovido de significados últimos, como que remontando às primeiras noções de/do mundo manifesto.

Os fenômenos então, para a fenomenologia, seriam o que se manifesta, o que tem a aparência-de na possibilidade existencial do Ser de experienciar através de sua capacidade perceptiva, o mundo como ele se mostra e como o nutre e formula o significado das coisas todas aos sujeitos que são e produzem, significantes e significados, pela relação objetiva mundo-homem. Como introduz Sartre em “O Ser e o Nada” sobre o Fenômeno:

O fenômeno é o que se manifesta, e o ser manifesta-se a todos de algum modo, pois dele podemos falar e dele temos certa compreensão. Assim, deve haver um fenômeno de ser, uma aparição do ser, descritível como tal. O ser nos será revelado por algum meio de acesso imediato, o tédio, a náusea, etc., e a ontologia será a descrição do fenômeno de ser tal como manifesta, quer dizer, sem intermediário” (SARTRE, 1997, p.19)

Houve uma preocupação entre os filósofos da modernidade de compreender como os sujeitos e sua cognição, provêm significado e o que anterior a ela existe, mas para a fenomenologia, a consciência já não é meramente um objeto anterior a experiência, não obstante os sujeitos existentes não primordialmente são seres conscientes por produzirem realidade a partir da experiência, mas também por compreenderem dados primordiais das manifestações mundanas e pela capacidade de empreender trabalho cognitivo e existencial nisto, sem um resultado à posteriori dessa percepção.

Sob tal vértice, podemos dizer que o solipsismo da modernidade filosófica, num esforço para ser contraponto as acusações de uma filosofia individualista, pode ser reforçado em comparação ao que se debruça a filosofia existencialista, esta, descrente das informações do mundo das representações e imersa no pensamento que interpreta o tempo sob condições afetivas dos existentes, ou melhor, que movidos sob a incerteza da condição humana, aplica descrições afetivas do tempo vivido, narrando sob ótica particular e intransponível sua vivência e condição as quais os sujeitos estão inseridos e por meio dele, voltando-se para a perspectiva da vida que se tem enquanto sujeitos históricos. Podemos pensar em Hegel, quando afirma o tempo como perspectiva de um movente, de um espírito, sendo a tarefa do filósofo compreendê-lo para assim, tomá-lo de posse na construção do que se passa a realizar o trabalho da existência, apesar deste termo não possuir ainda, em tempos hegelianos, o significado que possui.

O existencialismo depara-se então com a humanidade dos sujeitos monstruosamente colocados contra si, seus afetos como portas para dogmas e questões a fim de encontrar um sentido num mundo onde a tecnicidade e a razão garantiram a própria perdição do espírito de seu tempo, em linearidades que correm substancialmente, anos de contravenção e progresso, ora tomados por angústias antigas, ora repletos de ferramentas dispostas para que assim ele se prove parte de seu tempo, se coloque em pauta e reflita a tarefa primordial do filósofo, sendo aquele que pensa a realidade de sua matéria, de seu espírito. E quando citado em sua conferência "*O Existencialismo é um Humanismo*", conferência ministrada por Jean Paul Sartre, a quem tenta libertar a corrente dos maldizeres da geração, de que tal levava os sujeitos a uma angústia paralisante, a um imobilismo golpista; este, defende-a afirmando que seria fruto de seu tempo e sobre isso, contestações mesmo que urgentes, não negam que a virada histórica da modernidade para a contemporaneidade filosófica caminhou sob o progressivo caminho do humano sob viés humanista, do sujeito, da volta para si, o mundo não como uma extensão de sua cognição mas o lugar dela prover sentido, explicitando o caráter filosófico solipsista de encerrar o pensamento em si mesmo, sob julgamento de que inviabilizaria as lutas coletivas por meio de uma racionalidade que hora ou outra forçará a tomar uma escolha exclusivamente individual. A noção existencialista, contudo, de que a existência precede a essência, explicita o contraponto do sujeito

que se volta a técnica para definição de si, pois seguindo tal intenção, precisaríamos sugerir que há um conjunto de fatores que nos permitem compreender os dados de um mundo pré-definido para termos a certeza da existência material, e por ela, seriam nos atribuído tal significado, como seres significantes. Uma materialidade que a priori designa, contrasta ao que percebe a noção de que ao existir posteriormente poderemos descrever, conceituar.

Seria então a ideia a qual podemos partir, de que o homem é o que faz de si mesmo, enquanto técnica, enquanto cotidiano, o engajamento do trabalho do homem em si mesmo, descreve o que pode o homem enquanto condição humana, o que poderia um, ao outro também seria possível, ele escolhe por si e por viés de sua cultura, e por meio dela, a recria e redesigna, mas não o faz só, na coletividade das ações ele é levado um lugar comum, no entanto, tal é sua responsabilidade ao ter o poder de escolher somente por si próprio, responder pela possibilidade da escolha humana no que é possível, Ser. A angústia ao invés de significar imobilismo, se verifica desamparo, pois já não pode escolher por todas as coisas, mas ainda assim, deverá fazer uma análise, uma descrição e uma escolha. O movimento é precedido pela escolha e por ela se consolida enquanto trabalho forjado por seus afetos e razão.

Ao ter um apelo popular, o existencialismo demonstra o espírito do tempo contemporâneo, retrata a imagem do homem pós guerra, imerso em si mesmo para buscar um sentido ao mundo que já não é simplesmente dado com informações para a cognição lidar, mas é uma possibilidade de ruptura com a filosofia que encerra em si mesmo sua trajetória, trazendo a estranheza como abertura de mundo para a garantia de que a experiência é definida pela vocação do corpo material como porta dos sentidos para acesso a realidade como a conhecemos, quer tenhamos a intenção de modificá-la, quer tentamos desvelá-la.

O fato da literatura existencialista popularizar-se como obra filosófica, - vide os romances Sartreanos e dos demais autores abertamente existencialistas como Albert Camus ; refletem o tempo da necessidade de ultrapassar a barreira linguística de descrição filosófica para compreensão das noções de sujeito, mundo e cultura. Já não seriam suficientes para o movimento de uma filosofia que queira comprometer-se em compreender a realidade dos sujeitos de seu tempo, sistemas

filosóficos as quais sempre partam de um ponto de vista solipsista e sistemático sobre o Ser para si e o Ser com outros, mas a partir da angústia que é abertura afetiva de mundo, elucidar sobre as possibilidades de escolha da existência humana, vulgarizar tais questões imprime uma noção de que tal condição humana seria comum a todos, todos os entes estariam sujeitos a tal abertura afetiva de mundo. Os sujeitos já não encontram-se mais confinados na investigação por sua mente e cognição, mas estas são à priori vias de acesso à percepção e criação e compreensão da linguagem e conseqüentemente, de mundo. Neste aspecto, o materialismo histórico cujo outrora contrapôs padrões de texto e conhecimento, voltara a ser manifesta para que seja capaz de realizar o que o ente existente é, ou melhor, ao que pode ser sem um grande desvelamento final mas partindo da tentativa de retomada das impressões primeiras do que os sujeitos fizeram de si mesmo, mesmo quando a filosofia não estava abertamente engajada em suas existências. A fenomenologia e o existencialismo então tocam-se quando tratam de não meramente serem descrições, mas assumem a postura de visualizar a intuição humana, como abertura de mundo, os afetos como portas de reflexão desta mente formuladora de sentido proveniente do mundo condicionante, desta forma pouco seria válidos apenas conhecer a tradição filosófica, seria necessário perceber o mundo ao redor e sendo, vir-a-ser.

2 Segunda seção: Uma aula existencialista: reflexão sobre práticas existenciais

Sartre num determinando momento de sua fala na conferência que resultou na transcrição de o “Existencialismo é um Humanismo”, disse:

Sinceramente, acho que é possível que, na ação, minhas teses tenham ficado um pouco enfraquecidas; acontece, frequentemente, que pessoas não qualificadas venham fazer-me perguntas. Encontro-me, então, diante de duas soluções possíveis: recusar-me a responder ou aceitar a discussão ao nível da vulgarização. Escolhi a segunda porque, no fundo, quando expomos teorias no colégio, numa aula de filosofia, aceitamos enfraquecer uma idéia para torná-la inteligível, e não é tão ruim assim. Se a teoria é uma teoria do engajamento, temos de engajar-nos até o fim. Se, realmente, a filosofia existencialista é uma filosofia que diz: “a existência precede a essência”, ela deve ser vivida para ser verdadeiramente sincera. Viver como existencialista é aceitar pagar por essa doutrina e não

impô-la através de livros. Quem deseja que essa filosofia seja um engajamento de verdade, deve justificá-la perante aqueles que a discutem no plano político ou moral (SARTRE, 1970, p.17)

Este engajamento que Sartre menciona pode encontrar diversos desdobramentos. Podemos falar sobre as aulas acadêmicas e escolares de filosofia, ou textos filosóficos e não filosóficos, ou o pensar no principal objeto de estudo que temos para lidar, por engajamento, podemos encontrar o cerne, ir mais a fundo e descobrir o efeito cascata disso tudo, desde o ato de jogar a pedra até o que vem depois, a forma como as ondas crescem gradativamente. Explorar esse conteúdo é engajar-se mas se colocar nele enquanto objeto de estudo, é uma tarefa que a filosofia empreende e que necessita ser priorizada porque esta é a tarefa da formação acadêmico-filosófica. O conteúdo apreendido em si é um oceano, mas se faz necessário conhecer a vida desse oceano para que se adentre nele sem receios e amarras que impeçam de conhecê-lo como de fato ele é. O que podemos dizer em sala de aula é uma gota, mas necessita ser dita. É uma gota porque o processo de elucidar conteúdos não demanda apenas da vontade e do esforço, mas de todas as condições para a realização da aula, do conteúdo programático e dos regimentos educacionais, nada disso deve ser encarado como dificuldade, mas como terreno para que se conheça e se explore e seja comunicado, assim como os antigos faziam, dialogavam, realizam a filosofia na prática e na praça da vida cotidiana. A escola é o lugar da filosofia, onde comunicação e escuta são necessárias e ouvir envolve desapegar-se dos costumes convencionais, talvez até mesmo da forma que aprendemos a falar e ouvir, para reaprender a ouvir e então falar, bem como afirmou Walter Kohan, filósofo da educação, em seu livro “*Paulo Freire, um menino de cem anos,*”:

A educação, tal como reivindica Paulo Freire e, ecoando nele, Walter Kohan, é um ato de criação e “porque é encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns aos outros”(Freire, 2020, p.18). Sobretudo dos mais “pequenos aos mais grandes”. Enquanto educandos e educandas, o ato de coragem que nos liberta é precisamente pronunciarmo-nos, compreendermos quem somos no mundo e como nos transformamos com ele, sem subjugar, sem ser subjogado. Portanto, aprendendo a pronunciar a sua palavra ou a escutar a si mesmo aquém das palavras e a deixar-se escutar (KOHAN, 2021, p.18)

Assim como Sartre considerou “vulgarizar-se” para se fazer compreendido, a necessidade da condução do conhecimento filosófico demanda ir além do entender, na abertura da vulgaridade, o banal, ouvir o absurdo para tirar o substrato do tempo, dos sujeitos que compõem a sala de aula pois tudo o que será dito, será registro do Ser que o disse, e coletivamente a escuta se dá de maneiras onde os processos acontecem simultaneamente ao tempo que acontece fora do espaço escolar, pensar sobre ele e na sua execução, infere vulgarizar a filosofia, para saber dos sujeitos, não por subestimá-los, mas pelo trabalho filosófico que a própria existência condiciona ao Ser. Porque o que é dito no banal é uma gota no oceano da filosofia, talvez uma gota não faça diferença no oceano, mas reverbera sobre ele como um sinal, uma aparência, uma manifestação do que contém o oceano.

Dito isto, aqui buscamos a reflexão do trabalho existencial que nada mais é que o “fazer de si mesmo” e elucidar as forças que cerceiam a necessidade que há na filosofia existencialista de conduzir-nos a sermos autênticos perante nós mesmos. E em como, sendo com os outros no espaço da sala de aula, a vida pode ser modificada por intermédio da educação, chegando a constatação da potência educadora da filosofia de retrazar rotas e dar outros significados às narrativas. Em se tratando da sala de aula, lugar onde é palco para a manifestação da filosofia em sua presença mais potente, pois a prática educativa desta é a de orientar os alunos à reflexão da história do pensamento filosófico ocidental – sem e tratando da escola na perspectiva ocidental - bem como, e para além de tudo, trazê-los a constatação de que é pensado, dialogado e manifestando que se faz filosofia para além da sala de aula, reverberando na vida, em seus corpos, em suas relações e em suas escolhas.

A relação dos assuntos da Educação e da Filosofia não são menos nem meramente transversais como propõe as produções de conhecimento acerca de cada um dos temas. Para além da possibilidade de horizontes em que a Filosofia está presente na sua possibilidade de articulações dos assuntos, estão em comum o exercício do pensamento e a progressão de noções e ideias, bem como a estruturação de um sistema de reflexão onde o objeto de estudo seja cada vez mais esclarecido e destrinchado. Está nas manifestações da filosofia a capacidade de levar o pensamento ao efeito cascata, reverberando entre conduções a várias portas

para longos e múltiplos caminhos com suas próprias múltiplas portas e desdobramentos, mas é necessário observar atentamente os passos que se dá, não para obter um fim, mas para conhecer os meios, e olhar minuciosamente onde estamos inseridos nesse meio, para que a nossa existência não seja banal, e quando digo banal, quero dizer uma existência desprovida de autenticidade, de protagonismo sobre a própria vida. Esse é um dos desafios mais enigmáticos da educação em Filosofia, pensar como poderemos orientar uma turma de alunos, no pouco tempo de aula, a perceber que o conteúdo que estamos ensinando não está fora deles, não é um objeto, a filosofia que ensinamos, enquanto professores, é sobre a sua própria existência, sobre o porvir, ou melhor, sobre o Devenir.

Compreender a trajetória do pensamento filosófico, desde os questionamentos antigos até os problemas contemporâneos, é a tentativa de enxergar o que todos que conceituaram antes de nós viram, enxergar o que eles enxergaram, ou melhor, perceber, assim como eles perceberam, os problemas que estão ali, visíveis para os olhos que atentam-se ao problema. Mas em se tratando da iniciação ao pensamento filosófico, nos cabe, enquanto professores, fazer os estudantes enxergarem em seu próprio mundo, em seu universo particular, em todo o seu conjunto de referências afetivas, o ímpeto que é a gênese para a investigação de suas próprias vidas. Ímpeto este repleto de começos e de afetos mobilizadores em direções muitas vezes não lineares, transversalizadas pela ação do tempo, que inicia, termina, mas também forja e recomeça recontando as origens, tomando posse da narrativa dela e esculpindo à partir dos resquícios do foi vivido, do que está sendo feito da vida que se diz. Esta investigação pode ser cura, pode ser elucidação e libertação em direção a esta vida mais autêntica, mais política e mais coletiva, em tempos tão individualistas. É necessário compreender o que é de si, o que é de solitude e o que passa a ser coletivo, o que deve ser coletivo para frear potenciais fascistas e repressores. Libertar-se para não ser enganado e para não oprimir, bem como ajudar o outro a ser livre. Essa deve ser a proposta da educação e da filosofia, orientar, mas antes disso, orientar-se.

Sobretudo em discussões Sartreanas, bem como naqueles que também adentraram nas discussões existencialistas, uma análise do ensino e da aprendizagem filosófica na sala de aula se somam à elucidação e interpretação de

engajamentos possíveis para a existência do professor e do aluno, fora e dentro da sala de aula. Compreender existencialmente e afetivamente o que aprendemos, o que lemos, o que vimos e o que vivemos, é reconhecer a filosofia nas entrelinhas das coisas todas e assim, trazer a discussão banal aos pontos de análise na história da filosofia. Traçar estratégias de sobrevivência da profissão e do ser filósofo, na contemporaneidade dos dias e dos tempos, bem como, pensar sobre como temos nos orientado para a vida é tentativa de descrever o que acontece na nossa existência quando nos debruçamos na vida filosófica, onde o objeto de estudo somos nós mesmos, e posteriormente, passa a ser os alunos a quem vamos orientar. Neste contexto a compreensão do que é a formação filosófica nos espaços que ultrapassam os muros da sala de aula e da escola pode dizer do que persiste no que foi lecionado e o que reverbera para quem ensina e quem aprende, na mutualidade das relações professor-aluno, interrogar-se acerca do processo de orientação, do dizer e do ouvir. Bem como, nesse processo transversal de comunicação deixar ser afetado pelo que vive em uma sala de aula, lugar onde a filosofia se manifesta para além de seu possível caráter solipsista, para elucidações de pensamentos e compartilhamento de ideias na tentativa furtiva de se elaborar um sentido dentro do caos da vida e da existência. A sala de aula e a participação dos alunos presentes nela significa que eles deverão compor a narrativa do espaço e do lugar, não implica somente cumprir o caráter sistemático, elaborado para traçar métodos, mas na cotidianidade ouvir-los o que estes trazem do trabalho que já começaram a fazer quando perceberam que são; são quem existe e quem desde então, constroem-se culturalmente e mundanamente e reconhecer seus repertórios bem como tirá-los do banal para demonstrá-los como manifestação em vida da filosofia feita outrora, dos problemas filosóficos aos quais a história do pensamento traçou até aqui, o que e como ela diz em sua historicidade. Contudo, sob óticas que se multiplicam em torno de questões primordiais da filosofia, amplia-se a complexidade dos sistemas filosóficos ao que se compreende por vida, na banalidade dos dias e na mundanidade do cotidiano.

Não é a intenção do professor de filosofia escolar formar filósofos, mesmo que para isso deva ser exposto em sala de aula o currículo para que seja ensinado a história da filosofia, dessa maneira práticas pedagógicas convencionais podem não ser eficazes na orientação do pensamento filosófico, visto que nos deparamos com

problemas clássicos da escola brasileira, como a dificuldade do hábito de leituras e o desinteresse por atividades escolares em sala de aula. Esta situação reverbera em toda a escola, em todas as disciplinas, mas em se tratando da disciplina de Filosofia, trazem desafios e argumentos para que questionemos a razão e eficácia da aula de filosofia. O que seria, portanto, uma aula de filosofia eficaz? Se estivermos partindo do lugar de que a aula de filosofia seja um fenômeno observável, estaremos assumindo que todos os atores do lugar estão empenhados e engajados para a manifestação do que pode vir a ser a aula. Considerar todos os agentes implica que estejamos considerando que mesmo que haja um lugar para onde se queira chegar, fará parte admitir que os estudantes, que não estão em posse desse planejamento de onde a aula deva findar, participem efetivamente do processo de construção do conhecimento. Neste contexto, Alejandro Cerletti ajuda a compreender em sua filosofia da educação uma base para esse paradigma quando afirma:

Filosofia e Filosofar se encontram unidos, então, no mesmo movimento, tanto o da prática filosófica como o do ensino de filosofia. Portanto, ensinar filosofia e ensinar a filosofar conformam uma mesma tarefa de desdobramento filosófico, em que professores e alunos compõem um espaço comum de pensamento. É em virtude disso que avaliamos que todo ensino de filosofia deveria ser, em sentido estrito, um ensino filosófico. De acordo com o assinalado, o professor será, em alguma medida, filósofo, já que mostrará e se mostrará em uma atividade em que expressa o filosofar. Isso não quer dizer que ele deva ensinar uma filosofia própria, mas que desde uma posição filosófica – a sua ou a que adote – filosofará junto com seus alunos. Em última instância, todo ensino filosófico consiste essencialmente em uma forma de intervenção filosófica, seja sobre textos filosóficos, sobre problemáticas filosóficas tradicionais, seja até mesmo sobre temáticas não habituais da filosofia, enfocadas desde uma perspectiva filosófica (CERLETTI, 2009, p.19)

Como dito anteriormente, a intenção não é formar filósofos ou historiadores da filosofia, mas o processo da aula deve considerar que suas falas e ações sejam cruciais para o desenvolvimento do conhecimento. Logo, a escuta e a fala são pilares de construção do conhecimento filosófico, se faz necessário enquanto professores, ouvir o que os alunos têm a dizer sobre seus repertórios existenciais e para isso está implícito que o professor considere que suas existências são vias de acesso para o fazer filósofo, mesmo que não haja no dizer deles alguma referência a história da filosofia como a conhecemos. Está no cerne desse debate então os

textos filosóficos com as temáticas as quais precisaremos apresentar aos alunos e considerar o que tais alunos poderão trazer, como textos não filosóficos, por exemplo. Sejam filmes, músicas, jogos, animações, o debate correspondente a tais textos não filosóficos em sala de aula é considerar que isto é produto da existência dos existenciadores em seu tempo e que dizem sobre o tempo e sobre a realidade como os alunos a conhecem, tudo viria então a ser possibilidade de vias de acesso a Filosofia. Pondera, Cerletti:

Nessa inquietude de saber, a pergunta filosófica se dirige, com perseverança ao coração do conceito. O deslocamento que se produz, por exemplo, entre a apreciação de uma pintura bela e a conceitualização da beleza significa uma emigração desde uma circunstância particular em direção à uma universalidade das ideias. A inquietude filosófica abre o horizonte do que “se diz”, ou do que diz a ciência, a arte, etc., para recompô-lo no plano do puro conceito e assim extremar a sua significação. No entanto, o filósofo não inventa suas questões ou seus problemas do nada. Antes, poderíamos dizer, que ele é um re-criador de problemas. A filosofia é filha de seu tempo e de suas circunstâncias (recordemos com Hegel que “a coruja de Minerva levanta voo ao entardecer”), e essas circunstâncias, esses condicionamentos ou fontes são aquilo que os seres humanos fazem: a arte, a ciência, a política, o amor. Como poderia o filósofo falar de arte se não existissem os artistas que fazem as obras, ou da ciência, se não houvesse cientistas que desenvolvessem as suas teorias, ou da justiça, se ninguém se interessasse por política, ou do amor, se não houvesse enamorados? Em virtude disso, poderíamos também afirmar que a filosofia pensa as condições de suas perguntas. Ou, o que é o mesmo, a filosofia pensa as próprias condições. Certamente, o mundo que condiciona a filosofia é o de seu tempo (o do passado, reconstruído desde o seu tempo). Em outros termos, a tarefa da filosofia será levar ao conceito o que esse mundo nos apresenta. (CERLETTI. 2009. p.25)

A aula de filosofia pode ser o lugar da escuta, não meramente para que o professor lide com demandas dos alunos, mas para que as reconheça e que os faça reconhecer como parte do problema da filosofia, na situação de mundo, no abrir os olhos para a realidade material do tempo vigente, e para a construção da coletividade no engajamento uns com os outros de responsabilidades que não são apenas individuais, como o fazer político, que não está aquém ou além dos sujeitos, mas implica num fazer cotidiano e na escolha por tomada de ações que envolvam a consideração dessa coletividade para que se possa compreender que a filosofia não sustenta-se no solipsismo e na solidão, mas na edificação de uma subjetividade que

implica na compreensão da sujeição ao coletivo. Propostas então de construção de material filosófico seriam a sugestão de que os próprios estudantes na produção de conteúdos, de mídias, de textos, não somente verbais, estariam participando do fazer filosófico daquele lugar, na escola, na sala de aula, em suas comunidades e situações, enxergando na Filosofia a proposta de subversão dos lugares comuns, inclusive os lugares aos quais os profissionais de filosofia estão acostumados, em que considera-se exclusivamente o texto verbal como linguagem filosófica, e não a produção, seja ela não verbal, das práticas filosóficas, visto que não estaríamos interessados na aula de filosofia para ensino médio em formar filósofos, mas fazê-los compreender a que se destina a filosofia, bem como, situando-os na realidade da filosofia existencial, sobre seu próprio engajamento no trabalho de fazer a si mesmo, de optar por reconhecer-se e forjar-se no mundo. Imprime nesta tarefa, a necessidade de compreensão da possibilidade de reconhecer os textos não verbais filosóficos, de tudo o que possa está impresso na poesia, no cinema, na música, nas artes e no fazer humano como um todo, na ação humana intencional e afetivo, como a via de acesso primária a um questionamento de gênese filosófica, do que pode ser enxergado como um paradigma pois pode estar de encontro à questões inerentemente humanas que persistem como problemática filosófica. A aula de filosofia, então, seria o lugar onde a existência dos sujeitos que ali participam são material dialético e objetivo para compreensão do próprio lugar da filosofia no mundo, não meramente além e alheio às coisas mas causa e consequência dessa existência que cria linguagem. Bem como o próprio Sartre, que viu seus romances existencialistas abrirem margem para além do campo dos filósofos e alcançar, no processo de massificação da discussão, um retrato do que estava sendo o tempo.

Considerações finais

O que compreende-se como proposta é realizarmos enquanto professores de filosofia não meramente uma transposição de conhecimento, mas a indagação sobre uma filosofia que ao invés de assimilada possa ser percebida, pois primeiramente foi reconhecida pelos estudantes, sujeitos existentes da sala de aula, na trajetória de seus projetos de vida, indagações e questões pertinentes à sua existência. Torna-se

secundário então, fazê-los pensar sobre seus possíveis sistemas filosóficos, e métodos de indagações e questionamentos. É primordial que reconheçam e percebam que a filosofia possui reverberações nas questões fundamentais humanas pois estas fazem parte da própria condição humana, enquanto seres abertos para o mundo para compor assim suas histórias e narrativas, bem como, nas possibilidades existentes e existenciais, recontá-las.

Afirmamos que a sustentação do caráter filosófico de uma pergunta é a intencionalidade de quem pergunta. Adotando uma terminologia de inspiração Sartreana, não haveria, então, um perguntar filosófico “em si”, como se as perguntas filosóficas pudessem ser objetivadas sem o compromisso que supõe assumi-las em toda a sua magnitude. Poderíamos dizer que o perguntar filosófico é sempre “para si”. Quem pergunta e se pergunta filosoficamente intervém no mundo e nele se situa subjetivamente. Leva adiante um gesto de desnaturalização daquilo que lhe aparece, interpela o que “se diz” e se dirige aos saberes com uma inquietude radical. Pois bem, a questão é como se poderia ensinar essa intencionalidade ou esse desejo de saber que sustenta as perguntas filosóficas (CERLETTI, 2009, p.26)

Por isto, é necessário, enquanto uma possibilidade de estratégia, partir da premissa do reconhecimento filosófico, do assemelhamento com o mundo que encontra-se lançado, que já se apresenta e se manifesta para os sujeitos, mesmo que antes não tenham tido contato com a filosofia formal, para que assim seja efetivado o sentimento filosófico que não está alheio ao mundo material, às causas visíveis, mas conduzem a questionamentos sobre o que ainda não foi desvelado. Logo, não faz sentido desconsiderar os sujeitos presentes em sala de aula, além do professor, ou seja, os estudantes, quando estamos tentando compreender a aula de filosofia como um engajamento existencialista, pois estamos partindo da própria narração do tempo e do mundo dos sujeitos estudantes, mediante a ação ponderada pelo professor para dar início à discussões e fundamentos para que a aula aconteça e cumpra os regimentos estabelecidos mas seja o lugar de princípio à investigação filosófica por parte dos alunos, bem como, a possibilidade de produção de material filosófico sobre suas perspectivas elucidadas e forjadas tomando como ponto de partida suas próprias existências para o trabalho filosófico, culminando assim e portanto, no trabalho e na investigação de si mesmo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO. Maria Catarina Ananias de Araújo. **O Engajamento e o ensino de filosofia: uma reflexão a partir do pensamento de Eliete Tomazetti**. UFCG - PRO-FILO

BURSTOW. Bonnie. A Filosofia Sartreana como fundamento da Educação. **Journal of Philosophy of Education** nº2, vol 17, 1983, pp 171-185. Tradução de Newton Ramos de Oliveira.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de Filosofia como problema filosófico**. - BH; Autêntica Editora, 2009. - (Ensino de Filosofia). P 11 - 29

EWALD. Ariane P. Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 2008. UERJ, RJ. ANO 8, N.2 P.149-165

KOHAN. Walter Omar. **Paulo Freire um menino de 100 anos**. 1º Edição. RJ; NEFI, 2021 – (Coleção Ensaios)

SARTRE. Jean Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. 1946. Editora Vozes, 4º Edição. Tradução de Rita Correia Guedes

SARTE. Jean Paul. **O Ser e o Nada – Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Editora Vozes. 12º Edição. Petrópolis/RJ. 1997. Tradução de Paulo Perdiggão.